

## RESENHA BIBLIOGRÁFICA

Yungjohann, J.C. 1989. *White gold. The diary of a rubber cutter in the Amazon 1906 - 1916.* (G. T. Prance, ed.) Oracle, Arizona: Synergetic Press. 103 p. (ISBN 0 907791 16 6)

(W.L. Overal, Dept<sup>o</sup> de Zoologia - MPEG/CNPq)

Achar, hoje em dia, um depoimento original e inédito sobre a época da borracha no Acre é surpresa agradável, mas o diário do seringueiro Yungjohann é, além do mais, uma história de aventura e coragem na região mais remota da Amazônia onde, até hoje, a sobrevivência não é fácil. Este livro pode ser lido, ao mesmo tempo, como história e como romance (assim diz o editor Dr. Ghilleen T. Prance).

Em 1906, o norte-americano John C. Yungjohann desembarcou em Belém do Pará, com plano de enriquecer cortando borracha na Amazônia. (Poucos sabem que a febre da borracha atraiu estrangeiros de todo mundo para os seringais da Hiléia). Ele foi rapidamente recrutado pelos agentes dos seringalistas e enviado de barco a vapor a Manaus e depois à boca do rio Xapuri onde passou dez anos de sua juventude na luta pela sobrevivência contra doenças tropicais, animais peçonhentos, índios selvagens, enfrentando a solidão na floresta e a ganância dos seringalistas. Ele perdeu todos os seus companheiros no seringal, vítimas de doenças, mas aprendeu, sozinho, a fazer amizade com os índios e a conviver com a natureza. Todo tempo endividado aos seringalistas, ele não tinha como sair dos seringais, entretanto conseguiu vencer por sua força de vontade e pela ajuda dos seus amigos índios e brancos.

O que ele escreveu nesse diário é um documento original com informações importantes sobre as condições de trabalho e a vida nas florestas do Acre no início deste século. Ele descreve bem o sistema de recrutamento e de escravidão por dívidas 'que foram quase impossíveis de resgatar. Ele relata como e quando foram recolhidos o látex e os outros recursos da flora e fauna indispensáveis à sobrevivência na mata.

É importante reforçar que o sistema de aviamento funcionou para aprisionar a mão-de-obra nos seringais, especialmente depois de Warren Dean (1989)<sup>1</sup> ter escrito: "Possivelmente os seringueiros encaravam os adiantamentos que o padrão lhes fornecia não como um ônus impostos à força, mas como um abono. O patrão tinha boas razões para reduzir ao mínimo esse custo da transação: o seringueiro, que podia muito bem descer o rio no meio da noite, não estava objetivamente preso a nenhuma

<sup>1</sup> DEAN, W. 1989. *A luta pela borracha no Brasil. Um estudo da história ecológica.* São Paulo: Ed. Nobel. (trad. E. Brandão).

obrigação de reembolsar o patrão. O fato de em geral reembolsá-lo da mesma forma como o patrão geralmente fazia com o aviador sugere que via alguma vantagem mútua nessa relação". Isto é (desculpem a palavra) revisionismo. Os fatos são outros e são contados por Yungjohann, que os sofreu na carne. Temos de concordar com a avaliação de Euclides da Cunha de que nos seringais existia "la plus criminelle organisation du travail que jamais a pu imaginer le plus révoltant égoïsme" (Cunha citado em Le Cointe 1922)<sup>2</sup>.

Agradecemos ao Dr. Ghilleen T. Prance, Diretor do Real Jardim Botânico de Kew, Inglaterra, por ter editado este depoimento tão importante para a Amazônia. É, ademais, oportuna a sua publicação agora, quando os seringueiros do Acre estão na luta pela sobrevivência de sua maneira de viver e pela sobrevivência da floresta que os sustenta. Este livro, de apenas 103 páginas, destina-se a ser um clássico sobre a época áurea da borracha e sobre a Amazônia. Uma tradução para o português será bem-vinda.

---

<sup>2</sup> Le Cointe, P. 1922. *L'Amazonie Brésilienne*. Paris: Augustin Challamel. 1: 328.